



Migração e infância: aspectos sociais, linguísticos e culturais na educação fronteiriça

Laura Janaina Dias Amato* e Jesus Alberto Leon

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Avenida Tarquínio Joslin dos Santos, 1000, 85870-650, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: laura.amato@unila.edu.br

RESUMO. Este artigo tem como objetivo analisar os desafios e oportunidades enfrentados por crianças migrantes em escolas municipais de Foz do Iguaçu, com base em dados coletados durante a pesquisa 'Migração e infância: aspectos sociais, linguísticos e culturais na educação fronteiriça'. A pesquisa foi realizada em três escolas municipais: Arnaldo Isidoro de Lima, Ponte da Amizade e Professora Elenice Milhorança. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com diretores, observações pedagógicas, observações do recreio e grupos focais com alunos e professores. Os resultados indicam que a barreira linguística é o principal desafio enfrentado pelas crianças migrantes, mas também se destaca a importância de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo para a adaptação desses estudantes. O artigo conclui com recomendações para melhorar a inclusão de crianças migrantes nas escolas, como a necessidade de formação docente e a valorização da diversidade cultural.

Palavras-chave: crianças migrantes; inclusão escolar; barreira linguística; Foz do Iguaçu; educação fronteiriça.

Migration and childhood: social, linguistic and cultural aspects in border education

ABSTRACT. This article aims to analyze the challenges and opportunities faced by migrant children in municipal schools in Foz do Iguaçu, based on data collected during the research study 'Migration and childhood: social, linguistic, and cultural aspects in borderland education'. The research was conducted in three municipal schools: Arnaldo Isidoro de Lima, Ponte da Amizade, and Professora Elenice Milhorança. Data were collected through interviews with school principals, pedagogical observations, recess observations, and focus groups with students and teachers. The results indicate that the language barrier is the main challenge faced by migrant children, but they also highlight the importance of a welcoming and inclusive school environment for the adaptation of these students. The article concludes with recommendations to improve the inclusion of migrant children in schools, such as the need for teacher training and the appreciation of cultural diversity.

Keywords: migrant children; school inclusion; language barrier; Foz do Iguaçu; border education.

Received on February 28, 2025.

Accepted on May 13, 2025.

Introdução

A diversidade cultural é um elemento fundamental na construção de uma educação inclusiva e transformadora, especialmente em contextos de fronteira, como Foz do Iguaçu, onde a convivência de diferentes nacionalidades e culturas é uma realidade cotidiana. A cidade, situada na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, abriga cerca de 80 grupos étnicos, incluindo comunidades de diferentes nacionalidades, o que resulta em um ambiente escolar plural e multilíngue. Essa pluralidade não apenas enriquece o processo educativo, mas também desafia as instituições a repensarem suas práticas pedagógicas para atender às necessidades de todos os alunos. Em dezembro de 2024, no município havia 884 crianças migrantes matriculadas no Ensino Fundamental I e 306 na Educação Infantil, conforme informação da Secretaria Municipal de Educação. Se formos tomar como base o censo escolar de 2023¹ (o de 2024 ainda não está disponível até a finalização deste artigo), esse número equivale a 5,5% do total de matriculados na rede municipal de ensino (Brasil, 2023).

¹ Conforme informação em: <https://qedu.org.br/municipio/4108304-foz-do-iguacu/censo-escolar>

Amato e Lima (2022) destacam que a educação em regiões de fronteira deve ser repensada para atender às especificidades de uma população estudantil heterogênea, na qual a presença de crianças falantes de espanhol e de outras línguas é significativa. As autoras afirmam que "[...] a inexistência da reflexão pedagógica em torno da educação em região de fronteira colabora para que as crianças que não são brasileiras tenham seus conhecimentos culturais e linguísticos apagados" (Amato & Lima, 2022, p. 14). Essa homogeneização do currículo pode levar à marginalização das identidades culturais, comprometendo o desenvolvimento integral dos alunos, desrespeitando seus direitos fundamentais de existência.

A formação continuada de docentes é fundamental para que esses profissionais possam enfrentar e lidar efetivamente com a diversidade presente nas salas de aula. O desenvolvimento de competências e habilidades específicas é imprescindível para que os educadores possam implementar práticas pedagógicas que respeitem e promovam a diversidade e a consciência crítica étnico-racial. Souza et al. (2024, p. 2) acrescentam a tudo isso mais um fator, "[...] embora os professores demonstrem conscientização sobre a importância da abordagem antirracista para a formação integral dos alunos desde a infância, enfrentam desafios práticos, como a falta de formação continuada e recursos adequados". Nesse sentido, o programa 'Pedagogia de Fronteira', implementado entre 2016 e 2019, buscou articular ações entre a comunidade escolar e as universidades, visando a formação de professores que considerassem o contexto trinacional de Foz do Iguaçu (Tallei & Amato, 2020).

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados por educadores e educandos ao lidar com a diversidade linguístico-cultural na educação municipal de Foz do Iguaçu, explorando como as práticas pedagógicas podem ser adaptadas para refletir e valorizar essa diversidade. A pesquisa se fundamenta na premissa de que uma educação que reconheça e respeita as diferenças culturais é essencial para a promoção da cidadania e dos direitos humanos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa; de uma educação mais inclusiva e plural, que reconheça e celebre a diversidade como um patrimônio a ser cultivado nas escolas.

Conhecendo o ambiente

A pesquisa foi realizada em três escolas municipais de Foz do Iguaçu: Arnaldo Isidoro de Lima (Figura 1), Ponte da Amizade (Figura 2) e Professora Elenice Milhorança (Figura 3).

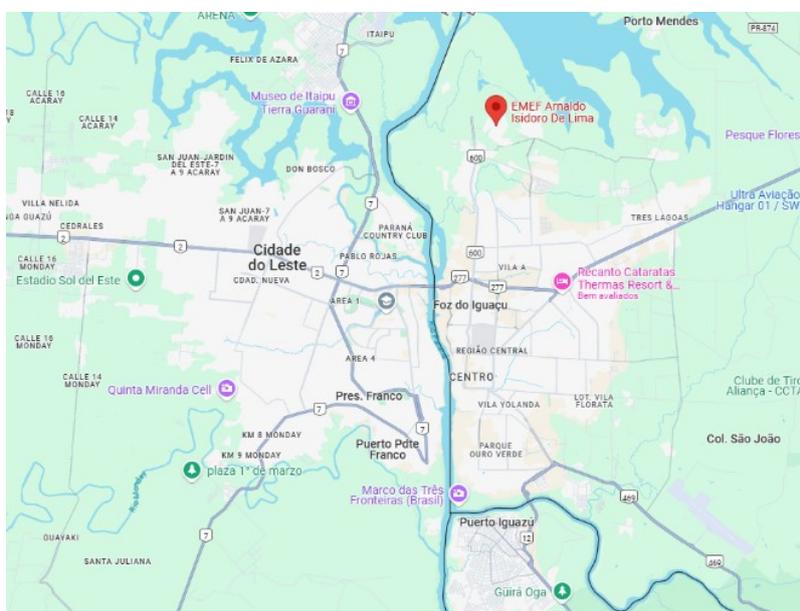


Figura 1. Arnaldo Isidoro de Lima.

Fonte: Googlemaps.

Para conhecer melhor a realidade e o cotidiano escolar, dividimos nossas visitas em cinco etapas: entrevista com diretores, grupo focal com estudantes, grupo focal com docentes, observação em sala de aula e observação do intervalo.² Essas etapas foram realizadas em diferentes visitas às escolas e em horários diversos, pois era necessário termos um número suficiente de estudantes e docentes para o grupo focal (mínimo 2). Em duas

² Nas análises não iremos informar a escola, por razões éticas.

escolas, a conversa deu-se durante o intervalo, na sala dos professores, em outra, lamentavelmente não foi possível ser feito o grupo focal, sendo então realizadas conversas individuais, todas gravadas com a devida autorização. As perguntas foram previamente elaboradas e serviram como uma guia.³

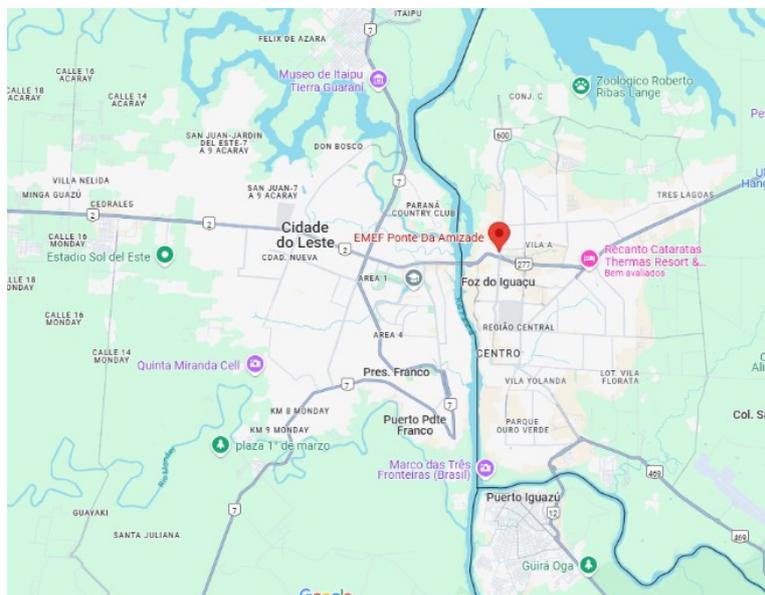


Figura 2. Ponte da Amizade.
Fonte: Googlemaps.

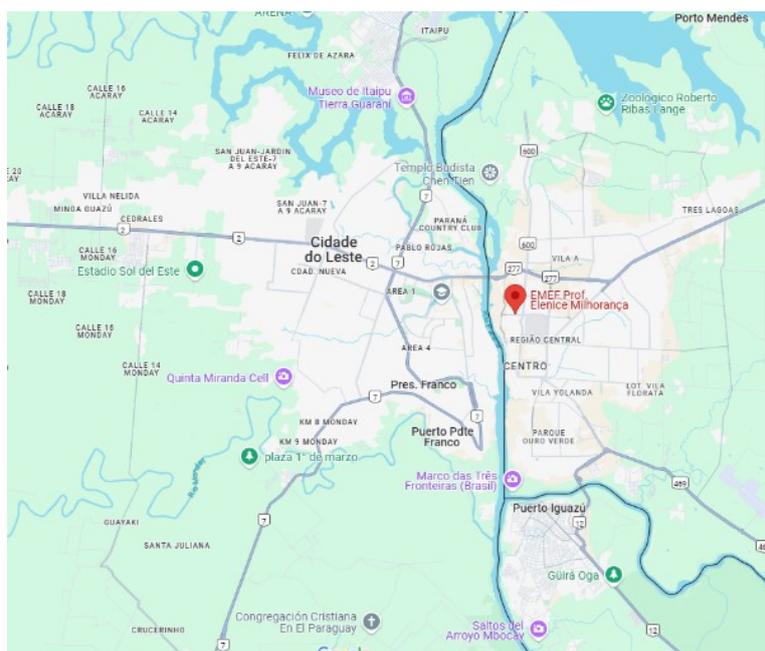


Figura 3. Professora Elenice Milhorança.
Fonte: Googlemaps.

Além disso, como não sabíamos o nível de proficiência linguística dos estudantes, optamos por começar a interação sempre com um desenho, no qual eles expressariam o que mais os agrada na escola e a partir disso a conversa era feita.

Entrevistas com responsáveis pelas escolas

As entrevistas realizadas com os responsáveis pelas escolas foram cruciais, pois proporcionaram uma visão abrangente sobre a realidade das crianças migrantes e as práticas de acolhimento nas instituições de

³ Cabe destacar que esta pesquisa foi realizada em dezessete escolas do município, sendo que aqui aparece somente um recorte, porém que corresponde com os dados de outras escolas. O projeto foi aprovado pelo parecer do CEP 6.421.073.

ensino. Durante essas conversas, os diretores compartilharam suas experiências e desafios, destacando a importância de um ambiente escolar inclusivo.

Um dos diretores, ao ser questionado sobre a abordagem da escola em relação às crianças migrantes, afirmou: "As crianças migrantes são tratadas da mesma forma que as crianças brasileiras. Tentamos da melhor maneira acolher essas crianças, mas enfrentamos grandes problemas com a falta de professores". Essa fala ilustra a dedicação das escolas em integrar todos os alunos, apesar das dificuldades enfrentadas, porém vale a reflexão: tratar os diferentes de forma igual é incluir? Além disso, foi ressaltada a questão da documentação, que muitas vezes impede uma matrícula adequada. Uma diretora mencionou: "Essas crianças não são impedidas de estudar, elas são matriculadas e encaminhamos o responsável pelas crianças para regularizar a documentação". Essa atitude demonstra um compromisso com a educação e a inclusão, mesmo diante de barreiras administrativas. Essa garantia é prevista Resolução CNE/CEB nº 1/2020, de 13 de novembro de 2020 e regulamentada no Paraná em 2021.

Os diretores apontaram a necessidade de formação específica para os professores que lidam com a diversidade cultural e linguística. Um deles destacou: "A falta de professores é um grande desafio, especialmente para atender a demanda crescente". Nesse sentido, vemos que há a necessidade de professor especializado no atendimento deste alunado específico, pois, com o aumento de matrículas observa-se a necessidade de atendimento especializado para as mesmas. Contudo temos que cuidar em relação a não patologização do migrante e a um discurso capacitista, o qual o migrante precisa de um especialista para resolver o 'problema'.

Grupos focais com alunos e professores

Nesta etapa aprofundamos a discussão sobre as temáticas da pesquisa, permitindo que as crianças e os educadores compartilhassem suas experiências e percepções sobre a inclusão e o acolhimento. Os grupos focais realizados com as crianças nas escolas de Foz do Iguaçu foram uma oportunidade significativa para entender as experiências e sentimentos dos alunos migrantes. Durante essas atividades, as crianças puderam expressar suas opiniões sobre a escola, suas interações com os colegas e o que consideram importante para se sentirem acolhidas e felizes no ambiente escolar.

Inicialmente realizaríamos um grupo focal com todas as crianças migrantes, mas devido a restrições logísticas, a atividade em uma escola foi adaptada para um subgrupo. A dinâmica envolveu a expressão artística através de desenhos, permitindo que as crianças visualizassem seus sentimentos e experiências e torna-se o fio condutor da conversa. Durante a atividade, uma das crianças expressou seu entusiasmo, dizendo: "A gente precisa de mais educação física, porque é muito legal!" Essa fala destaca a importância que as crianças atribuem às atividades físicas como um meio de socialização e diversão, pois é no espaço externo, com brincadeiras e jogos com regras conhecidas ou combinadas, onde a inclusão e o acolhimento acontecem, ou seja, num espaço de negociação. As crianças também relataram suas experiências ao chegarem na escola. Muitas afirmaram terem sido bem recebidas. Uma delas comentou: "Fui muito bem recebida, todo mundo me ajudou!" No entanto, também houve relatos de timidez e dificuldades iniciais. Uma criança compartilhou: "Nos primeiros dias, eu fiquei um pouco tímida e não conversei muito com os colegas." Essa timidez é um desafio comum enfrentado por crianças que estão se adaptando a um novo ambiente e cultura, porém podendo ser contornado através de um ambiente acolhedor e ações de inclusão significativa.

Em todas as escolas, o grupo focal revelou que as crianças migrantes se sentem felizes na escola, mas também expressaram a necessidade de mais atividades que promovam a interação social e linguística. Uma criança mencionou: "Eu gosto de brincar com meus amigos, mas às vezes sinto falta de falar na minha língua". Essa fala evidencia a importância da comunicação e da conexão cultural, que pode ser facilitada por atividades que respeitem e integrem as diferentes línguas e culturas presentes na escola, ou seja, uma educação linguística em línguas (Bizon & Camargo, 2018). Houve também manifestação sobre a alimentação escolar, uma delas disse: "A comida da escola é muito boa!" Essa afirmação demonstra que, apesar das dificuldades de adaptação, as crianças conseguem encontrar aspectos positivos em sua nova rotina. Ademais, um dos diretores comentou que a comida era adaptada conforme as questões culturais, com ausência de suíno para estudantes muçulmanos, demonstrando uma preocupação cultural e um acolhimento de fato.

Os grupos focais com as crianças nas escolas de Foz do Iguaçu revelaram uma rica tapeçaria de experiências e sentimentos. As falas delas destacam tanto os desafios que enfrentam, como a timidez e a necessidade de inclusão, assim como as oportunidades de acolhimento e amizade que encontram no

ambiente escolar. Essas interações são fundamentais para promover um clima de aceitação e respeito à diversidade, contribuindo para o desenvolvimento social e emocional de todas as crianças, nesse sentido, salientamos que uma formação docente capaz de compreender a complexidade envolvida na dinâmica social de crianças migrantes, é fundamental para o sucesso escolar.

Já os grupos focais realizados com os professores foram fundamentais para compreender as perspectivas e desafios enfrentados por eles no contexto da educação de crianças migrantes. Durante essas discussões, os docentes compartilharam suas experiências, preocupações e estratégias para lidar com a diversidade linguística e cultural presente em suas salas de aula, mostrando que a vivência escolar, isto é, a prática traz elementos fundamentais para a formação docente que precisa ser sistematizada e divulgada como boas práticas. Eles expressaram a importância de acolher as crianças migrantes, afirmando que "[...] as crianças migrantes são tratadas da mesma forma que as crianças brasileiras". Essa declaração reflete um compromisso com a inclusão e a equidade no ambiente escolar, porém esconde a necessidade de tratar os diferentes de forma diferente (Santos, 2003), trazendo a real equidade.

Um dos principais desafios mencionados pelos professores foi a barreira linguística. Um docente comentou: "A barreira linguística é o principal desafio que enfrentamos, pois muitos alunos não falam português". Para contornar essa dificuldade, os professores relataram utilizar ferramentas como o Google Tradutor e adaptar a velocidade da fala durante as aulas. Um professor destacou: "Tentamos sempre adaptar a nossa forma de ensinar para que todos possam entender e participar". Essa abordagem demonstra a dedicação dos educadores em encontrar soluções para garantir que todos os alunos tenham acesso ao aprendizado. Os professores também discutiram como trabalham a diversidade étnica e racial em sala de aula. Uma professora compartilhou sua experiência: "É complicado porque às vezes a gente não consegue se comunicar com eles, mas a gente se vira". Essa fala ilustra a resiliência dos educadores em buscar formas de se conectar com seus alunos, mesmo diante das barreiras linguísticas. Contudo, cabe observar que muitos dos migrantes nas escolas possuem línguas próximas ao português, como o espanhol, havendo então a possibilidade de uma aproximação linguística, mas não podemos esquecer que língua também é cultura e com isso toda a diversidade que esses alunos trazem, também acaba sendo um aspecto complicador quando trabalhamos em uma educação fronteiriça.

Durante as discussões, os professores também abordaram a questão da responsabilidade dos pais no processo de aprendizagem. Uma professora expressou uma perspectiva diferente, afirmando: "A obrigação de aprender a língua portuguesa recai sobre eles, pois estão vivendo no Brasil". Essa fala sugere que, embora os professores estejam dispostos a ajudar, a responsabilidade é crucial para o sucesso da adaptação das crianças migrantes, contudo não podemos esquecer que esses pais também estão em processo de adaptação e não falam o português, além disso, o idioma que a família utiliza é o lugar de conforto (Molloy, 2018)

Além disso, os docentes relataram que, apesar das dificuldades, têm observado melhorias no desempenho e na integração das crianças ao longo do tempo. Um professor mencionou: "Temos notado que elas têm melhorado com o tempo, com a rede de apoio dos coleguinhas, se ajudando dentro da sala de aula". Essa observação é encorajadora e indica que a interação entre os alunos pode ser um fator positivo na adaptação das crianças migrantes. Desta forma, vemos que as crianças são de fato muito mais acolhedoras do que qualquer outra política de formação. Tal ação é tão clara que observamos uma grande presença de crianças falante de árabe em uma escola, pois a própria comunidade sabe que lá as crianças terão apoio entre seus iguais, mesmo que sejam crianças.

Observação pedagógica em sala de aula

Esta etapa visou analisar as práticas de ensino e o envolvimento dos alunos, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas educacionais. Durante essas visitas, foi possível perceber como os professores se esforçam para criar um ambiente inclusivo e acolhedor, apesar dos desafios que enfrentam.

Em todas as escolas visitadas, os educadores relataram que a barreira linguística é um dos principais obstáculos no processo de ensino-aprendizagem. Um professor destacou: "A maior dificuldade que enfrentamos é a linguagem. A maioria das crianças migrantes fala espanhol e isso dificulta a compreensão, tanto para elas quanto para nós". Essa afirmação reflete a realidade de muitos educadores que lidam com a diversidade linguística em sala de aula, evidenciando a necessidade de estratégias que facilitem a comunicação e a necessidade de capacitação adequada. Apesar das dificuldades, os professores também notaram um progresso gradual na adaptação das crianças migrantes através da amizade com crianças que falam a mesma língua e entre as demais também.

As práticas pedagógicas observadas nas aulas revelaram um esforço consciente para integrar as crianças migrantes. Os professores utilizam recursos visuais e atividades lúdicas para facilitar a compreensão dos conteúdos. Um educador mencionou: "Tentamos falar com eles noportunhol, e isso ajuda bastante". Essa abordagem demonstra a criatividade e a flexibilidade dos professores em adaptar suas metodologias para atender às necessidades dos alunos. Além disso, a convivência com crianças de diferentes nacionalidades enriquece o ambiente escolar. Os professores das escolas relataram que a diversidade cultural presente na sala de aula proporciona um espaço rico para a troca de conhecimentos. "A convivência com crianças imigrantes tem sido uma fonte constante de aprendizado para nós [...]", afirmaram, destacando a importância da troca cultural no processo educativo.

As observações também revelaram que, apesar das dificuldades enfrentadas, as escolas estão comprometidas em acolher e integrar as crianças migrantes. A formação contínua dos professores e a implementação de políticas que valorizem a diversidade cultural são essenciais para garantir um ambiente escolar positivo e inclusivo. Como um dos educadores concluiu: "A interação com as famílias das crianças migrantes pode ajudar a promover a compreensão mútua e a colaboração". Essa visão reforça a importância de um trabalho conjunto entre escola e comunidade para o sucesso da inclusão educacional.

As observações realizadas durante o intervalo revelaram dinâmicas importantes sobre a interação entre crianças migrantes e seus colegas. Em diferentes contextos, foi possível notar tanto desafios quanto momentos de integração que caracterizam a experiência das crianças durante esse período de lazer. Em algumas escolas, a observação do recreio mostrou que algumas crianças migrantes apresentaram um comportamento mais isolado e tímido. Muitas delas tendiam a se afastar do grupo principal, evitando participar ativamente das brincadeiras. Essa situação foi notada em particular em uma criança que, ao ser abordada por colegas, reagiu de maneira defensiva, evidenciando um receio em se juntar às atividades. Essa timidez pode ser atribuída à barreira linguística e à dificuldade de adaptação à nova cultura, que muitas vezes afeta a confiança das crianças migrantes em interagir com seus pares. Por outro lado, também foram observados momentos de interação positiva. Em algumas situações, colegas tentavam se aproximar e convidar as crianças migrantes para brincar, demonstrando disposição para incluir todos nas atividades. Essa interação é fundamental, pois pode ajudar a quebrar barreiras e promover um ambiente mais acolhedor. A presença de crianças que falam a mesma língua, como o guarani, também foi notada em algumas escolas. Mesmo agrupadas distantes, interagiam com seus colegas, utilizando sua língua nativa como meio de comunicação. Em outras escolas, a observação do intervalo revelou uma integração harmoniosa entre crianças migrantes e não migrantes. Elas eram marcadas pela espontaneidade e pela ausência de distinções, criando um ambiente escolar inclusivo onde todas as crianças brincavam e conviviam de forma igualitária. Essa dinâmica positiva sugere que, em alguns contextos, as crianças estão mais abertas à diversidade e à inclusão, o que pode ser um reflexo do trabalho pedagógico realizado em sala de aula.

Essas observações ressaltam a importância do intervalo e de momentos de recreação como um espaço de socialização e aprendizado para as crianças, também representado nos desenhos delas. É durante esses momentos que se desenvolvem habilidades sociais, como a empatia e a colaboração, essenciais para a convivência em um ambiente multicultural. A interação entre crianças de diferentes origens pode enriquecer a experiência escolar e contribuir para a formação de um ambiente mais inclusivo.

Desenhos das crianças

Uma das etapas mais significativas da pesquisa foi a realização de grupos focais com as crianças migrantes, utilizando desenhos como ferramenta de expressão. A atividade foi proposta como uma forma de permitir que as crianças expressassem seus sentimentos e experiências na escola de maneira não verbal, especialmente considerando as barreiras linguísticas que muitas delas enfrentaram. As crianças foram convidadas a desenhar o que mais gostavam na escola e, em seguida, discutir seus desenhos em grupo. Nesta atividade, o desenho foi somente uma forma de conectar os pesquisadores com as crianças, porém esses desenhos também podem ser construídos como Mapas Afetivos, pois, conforme Bomfim (2010) eles sintetizam os sentimentos de forma menos elaborada e mais sensível. Aqui, não optamos pelos passos descritos pela autora, contudo não negamos a possibilidade que essas imagens trazem para tal análise. Em uma das escolas, a maioria das crianças desenhou quadras de esportes e atividades ao ar livre,

demonstrando que esses espaços são percebidos como locais de liberdade e descontração, onde as barreiras linguísticas são menos relevantes. Uma criança, no entanto, preferiu não desenhar, observando os colegas devido à timidez. Já em outra escola, os desenhos também refletem uma preferência por atividades físicas e brincadeiras no recreio. Uma criança de origem árabe, que não conseguia se comunicar verbalmente em português, participou da atividade de desenho, destacando assim a importância de estratégias não verbais para a inclusão, tais como atividades fora do espaço restrito da sala de aula.

Em todas as escolas os desenhos mostraram uma integração harmoniosa com os demais alunos (não migrantes), com representações de atividades em grupo e interações positivas. A fluência em português demonstrada por essas crianças facilitou a comunicação durante a discussão dos desenhos (Figuras 4, 5, 6 e 7).



Figura 4. Desenho infantil – quadra de esportes
Fonte. Elaboração própria.



Figura 5. Desenho infantil – sala de aula e espaço externo
Fonte. Elaboração própria.

A análise dos desenhos revela que as crianças migrantes valorizam especialmente os momentos de recreio e as atividades físicas, que lhes permitem interagir e se expressar sem a pressão de dominar a língua portuguesa. Esses espaços são percebidos como ambientes de inclusão e socialização, onde as diferenças linguísticas e culturais são menos evidentes.



Figura 6. Desenho infantil – espaço externo
Fonte. Elaboração própria.



Figura 7. Desenho infantil – campo de futebol
Fonte. Elaboração própria.

Dados das crianças matriculadas

Para compreender o impacto da migração nas escolas, foram coletados dados sobre a quantidade de crianças migrantes matriculadas, sua nacionalidade e distribuição por ano escolar. Esses dados foram obtidos por meio de registros escolares na secretaria municipal de Foz do Iguaçu.⁴

A escola Arnaldo Isidoro de Lima, localizada na região norte do município (figura 1) tem o maior número de crianças migrantes no 2 e 3º anos, respectivamente sete e seis crianças. Das vinte crianças migrantes da escola, 11 são do sexo masculino. A nacionalidade com maior número de representantes é a venezuelana, com onze crianças, seguida pela paraguaia, com 5 e o idioma que falam majoritariamente é o espanhol.

Na escola Ponte da Amizade (Figura 2), na região do Jardim Jupira, próximo a fronteira com o Paraguai, há 35 crianças migrantes matriculadas, sendo 29 de origem paraguaia e com isso os idiomas que as crianças usam majoritariamente é o espanhol, além do português e do guarani. Há nessa escola a presença de crianças de origem árabe também. Diferentemente da escola Arnaldo Isidoro de Lima, as meninas

⁴ Os dados foram obtidos no começo da pesquisa, podendo terem sido alterados no decorrer do ano letivo.

representam o maior número – vinte e dois no total, e o maior número de matrículas encontra-se no Infantil 5⁵, com 11; seguida pelo 3º ano, com 7 crianças migrantes.

A escola profa. Elenice Milhorança (Figura 3) está localizada na região central, um bairro com forte presença de migração árabe. Ela é também a escola com o maior número de crianças migrantes matriculadas, com 44 no total, sendo 23 meninas e 21 meninos. O 4º ano é o que tem o maior número de crianças matriculadas, com 20 crianças, seguido pelo 2º ano, com 8 crianças. A nacionalidade mais representada é a paraguaia, porém há crianças de origem síria, bengali, libanesa, venezuelana, argentina e cubana. O idioma mais utilizado pelas crianças em seus ambientes fora do espaço escolar é o espanhol, português e árabe.

Esses dados mostram que a presença de crianças migrantes é significativa nas três escolas, com variações na distribuição por nacionalidade e ano escolar. A diversidade de origens culturais e linguísticas impacta diretamente as práticas pedagógicas e a dinâmica escolar, exigindo estratégias específicas para a inclusão desses alunos. A falta dessa reflexão pedagógica resulta em um currículo que não se conecta com a realidade dos alunos imigrantes. As autoras afirmam que "[...] a perspectiva da escola em região fronteiriça não é considerada [...]" (Amato & Lima, 2022, p. 6), o que reforça a necessidade de uma abordagem que inclua as especificidades culturais dos estudantes, e mostra o impacto da imigração também se reflete na necessidade de promover uma educação que valorize a identidade cultural dos alunos. Como afirmam Amato e Lima (2022, p. 14), "[...] a inexistência da reflexão pedagógica em torno da educação em região de fronteira colabora para que as crianças que não são brasileiras tenham seus conhecimentos culturais e linguísticos apagados." Essa ausência de reconhecimento pode prejudicar o desenvolvimento da identidade cultural dos estudantes.

Resultados e discussão

A pesquisa realizada nas escolas municipais de Foz do Iguaçu revelou que as crianças migrantes enfrentam uma série de desafios no ambiente escolar, muitos dos quais estão diretamente relacionados à sua condição de imigrantes e às diferenças culturais e linguísticas. A seguir, detalhamos os principais desafios identificados na pesquisa.

Barreira linguística

A barreira linguística foi o principal desafio enfrentado pelas crianças migrantes, especialmente aquelas que não dominam o português. A maioria das crianças migrantes nas escolas pesquisadas fala espanhol, guarani ou árabe como língua materna, o que dificulta a comunicação com professores e colegas. Durante os intervalos, observou-se que algumas crianças migrantes, especialmente as de origem árabe, tinham dificuldade para se comunicar verbalmente com os colegas, o que as levava a se isolar ou a se comunicar apenas por gestos.

Muitas crianças relataram que, no início, não entendiam o que os professores diziam em sala de aula, o que impactava seu aprendizado e participação nas atividades escolares. Uma diretora destacou que as crianças falantes de espanhol enfrentam dificuldades em avaliações estaduais, pois a metodologia de correção automatizada não considera as peculiaridades linguísticas desses alunos, resultando em notas mais baixas.

A questão linguística é uma das principais barreiras enfrentadas por esses estudantes. Como afirmam as autoras: "[...] para o professor atuar efetivamente, é necessário haver mudanças na formação inicial e no desenvolvimento de políticas públicas que subsidie o profissional" (Azevedo & Amaral, 2021, p. 1). A falta de familiaridade com a língua portuguesa pode dificultar a comunicação e a participação dos alunos nas atividades escolares, tornando essencial que os docentes utilizem estratégias que facilitem esse aprendizado. Por exemplo, o uso de "[...] aplicativos de tradução simultânea [...]" e "[...] a inclusão dos saberes das crianças estrangeiras na sala de aula [...]" são práticas que podem melhorar a interação e a inclusão (Azevedo & Amaral, 2021, p. 15).

Adaptação cultural

A adaptação a uma nova cultura também foi um desafio significativo para as crianças migrantes. Muitas delas vêm de países com costumes, tradições e práticas educacionais diferentes, o que pode gerar um choque cultural inicial. Algumas crianças demonstraram timidez e dificuldade para se integrar aos grupos de colegas, especialmente nos primeiros dias de aula. Em alguns casos, as crianças migrantes preferiam brincar

⁵ Em 2024 as turmas do último ano da Educação Infantil saíram dos Centros de Educação Infantil e foram para as escolas do Ensino Fundamental.

apenas com outras crianças da mesma nacionalidade, como observado em uma das escolas, na qual crianças paraguaias tendiam a se agrupar e a usar o guarani como língua de comunicação. Embora não tenha sido amplamente relatado, há indícios de que algumas crianças migrantes podem enfrentar situações de preconceito ou exclusão por parte de colegas, especialmente em escolas onde a diversidade cultural não é plenamente valorizada.

A adaptação cultural de crianças imigrantes e refugiadas no ambiente escolar é um processo complexo que envolve múltiplos fatores. Conforme destacado por Azevedo e Amaral (2021, p. 11), "[...] a criança proveniente de fluxos migratórios, ao chegar em uma cidade brasileira, não restringe seu espaço de atuação apenas à casa, ela precisará ampliá-lo, a começar pela escola." Nesse contexto, a escola se torna um espaço crucial para a integração social e cultural dessas crianças, mas também um ambiente onde as diferenças culturais e linguísticas podem se tornar barreiras significativas. Um dos principais desafios é a comunicação, como explicitado acima. Muitas crianças imigrantes e refugiadas chegam ao Brasil sem dominar o português, o que dificulta sua interação com colegas e professores. Como apontam Freitas e Silva (2015, citados por Azevedo & Amaral, 2021, p. 17), "[...] as professoras se sentiam desamparadas diante da tarefa de trabalhar com elas, algo caracterizado pelos autores como uma solidão docente." Essa falta de preparo dos professores para lidar com a diversidade linguística e cultural pode resultar em situações de tensão e exclusão.

Adaptação ao sistema escolar brasileiro

As práticas pedagógicas utilizadas nas escolas brasileiras podem ser diferentes das que as crianças migrantes estão acostumadas, o que pode gerar confusão ou dificuldades de adaptação. Por exemplo, algumas crianças podem estar mais familiarizadas com métodos de ensino mais tradicionais, enquanto as escolas brasileiras adotam abordagens mais dinâmicas e interativas. A adaptação de crianças imigrantes e refugiadas ao sistema escolar brasileiro apresenta múltiplos desafios e especificidades, refletindo a diversidade cultural e a complexidade das experiências que essas crianças trazem de seus países de origem. A presença dessas crianças nas salas de aula é um fenômeno crescente, que exige uma abordagem educativa sensível e inclusiva. Segundo Azevedo e Amaral (2021, p. 1), "[...] a presença de crianças imigrantes e refugiadas nas escolas é uma realidade que modifica o trabalho docente quantitativa e qualitativamente". Isso implica que os educadores precisam se adaptar a novas realidades e contextos, incorporando práticas que respeitem e integrem as culturas dos alunos, portanto uma formação adequada a esse alunado seria fundamental.

A legislação brasileira também desempenha um papel vital nesse contexto. Como é destacado por Azevedo e Amaral (2021) que, embora haja um 'avanço legislativo sobre o tema', é notório que "[...] no cotidiano da escola, não há um trabalho que fundamente as ações do professor com as crianças" (Azevedo & Amaral, 2021, p. 17). Portanto, é fundamental que as políticas educacionais não apenas reconheçam a diversidade cultural, mas que também ofereçam suporte concreto para os educadores, permitindo que eles desenvolvam práticas pedagógicas eficazes e inclusivas.

Estratégias de inclusão

As três escolas adotaram diferentes estratégias para promover a inclusão das crianças migrantes, tais como a importância da infraestrutura da escola, como a quadra de esportes e o refeitório, para o desenvolvimento dos alunos; a adaptação da fala dos professores para facilitar a compreensão dos conteúdos pelos alunos migrantes; e a realização de atividades de sensibilização com os demais alunos para promover a inclusão e o respeito à diversidade cultural.

Desafios e oportunidades

A imigração tem apresentado uma série de desafios para crianças que enfrentam a necessidade de se integrar a um novo ambiente escolar, marcado por uma diversidade cultural intensa. De acordo com Hartmann (2017), as performances narrativas dessas crianças são uma ferramenta crucial não apenas para traduzir e organizar suas experiências, mas também para "[...] a criação e transformação dessas experiências diante da realidade de vida no novo país" (Hartmann, 2017, p. 46).

Apesar dos esforços das escolas, ainda existem desafios significativos para a inclusão das crianças migrantes. A pesquisa mostra que a falta de professores capacitados para trabalhar com alunos de diferentes origens linguísticas e culturais foi um ponto comum nas três escolas. Além disso, a ausência de materiais didáticos em outras línguas, como cartazes e placas indicativas, limita a diversidade linguística nas escolas.

Por outro lado, as atividades lúdicas introduzidas na sala de aula oferecem oportunidades significativas para essas crianças. Como Hartmann (2017) descreve que as sessões de trabalho começaram com jogos e brincadeiras que engajavam todos os participantes, promovendo um ambiente propício para a criação de narrativas. Esse método não só incentivou a produção de histórias, mas também destacou a 'agência' das crianças na escolha do conteúdo e da forma de suas narrativas (Hartmann, 2017).

No entanto, a presença de crianças migrantes também traz oportunidades para o enriquecimento cultural e o aprendizado de novos idiomas.

Conclusão

A pesquisa realizada nas escolas municipais de Foz do Iguaçu evidenciou que a inclusão de crianças migrantes no ambiente escolar é um processo complexo, repleto de desafios, mas também de oportunidades. A presença dessas crianças, provenientes de países como Paraguai, Venezuela, Argentina e nações árabes, enriquece o cenário educacional com sua diversidade cultural e linguística. No entanto, essa diversidade também exige que as escolas adotem estratégias específicas para garantir a adaptação e o sucesso acadêmico desses alunos.

Os principais desafios enfrentados pelas crianças migrantes estão relacionados à barreira linguística, que dificulta a comunicação e a compreensão dos conteúdos escolares, especialmente nos primeiros meses de adaptação. Além disso, a adaptação cultural e o isolamento social foram observados como fatores que impactam negativamente a integração dessas crianças no ambiente escolar. Muitas delas demonstram timidez e dificuldade para se relacionar com os colegas, especialmente quando não dominam o português. A falta de apoio especializado, como professores de línguas e materiais didáticos adaptados, também foi apontada como um obstáculo significativo para a inclusão.

Por outro lado, a pesquisa revelou que as escolas têm feito esforços notáveis para acolher essas crianças. Estratégias como a adaptação da fala dos professores, o uso de ferramentas de tradução (como o Google Tradutor) e a promoção de atividades de sensibilização cultural têm contribuído para a integração das crianças migrantes. Além disso, os momentos de intervalo e as atividades físicas foram identificados como espaços de liberdade e inclusão, onde as barreiras linguísticas são menos relevantes e as crianças podem interagir de forma mais natural. A análise dos desenhos realizados pelas crianças durante os grupos focais destacou a importância desses momentos de descontração e socialização. As crianças migrantes valorizam especialmente as atividades ao ar livre e as brincadeiras no recreio, que lhes permitem se expressar e se conectar com os colegas sem a pressão de dominar a língua portuguesa. Esses espaços são percebidos como ambientes de inclusão, onde as diferenças culturais e linguísticas são menos evidentes.

No entanto, ainda há muito a ser feito para garantir que todas as crianças migrantes tenham acesso a uma educação de qualidade e a um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo. A formação docente é um ponto crucial, pois muitos professores não receberam treinamento específico para lidar com a diversidade linguística e cultural desses alunos. A implementação de políticas públicas que promovam a capacitação dos professores e a criação de materiais didáticos em diferentes línguas são medidas essenciais para melhorar a inclusão das crianças migrantes.

Além disso, é fundamental que as escolas continuem a promover a valorização da diversidade cultural, criando um ambiente acolhedor e respeitoso para todas as crianças. A interação com as famílias das crianças migrantes também pode ajudar a promover a compreensão mútua e a colaboração, fortalecendo o vínculo entre a escola e a comunidade.

Em síntese, a inclusão de crianças migrantes nas escolas de Foz do Iguaçu é um processo que exige esforços contínuos e colaboração entre todos os envolvidos. Apesar dos desafios, a presença dessas crianças traz uma riqueza cultural e linguística que pode enriquecer o aprendizado de todos os alunos e promover a construção de uma sociedade mais inclusiva e tolerante. A pesquisa reforça a importância de políticas públicas e práticas escolares que valorizem a diversidade e garantam o direito de todas as crianças a uma educação de qualidade, independentemente de sua origem ou condição migratória.

Referências

Amato, L. J. D., & Lima, B. F. (2022). Educação na tríplice fronteira: crianças falantes de espanhol nas escolas municipais de Foz do Iguaçu. *Criar Educação*, 11(1), 155-169.

- Azevedo, R. S., & Amaral, C. T. (2021). O trabalho do professor com crianças imigrantes e refugiadas: um estudo teórico do contexto brasileiro. *Revista Profissão Docente*, 21(46), 1-21.
<https://doi.org/10.31496/rpd.v21i46.1403>
- Bizon, A. C. C., & Camargo, H. R. E. (2018). Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise no município de São Paulo: por uma política de travessia entre verticalidades e horizontalidades. In R. Baeninger, L. M. Bógus, J. B. Moreira, L. R. Vedovato, D. Fernandes, M. R. Souza, C. S. Baltar, R. G. Peres, T. C. Waldman, & L. F. A. Magalhães (Orgs.), *Migrações Sul-Sul* (pp. 712-726). Núcleo de Estudos de População 'Elza Berquó' – Nepo/Unicamp.
- Bomfim, Z. A. C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Edições UFC.
- Brasil. (2023). *Censo escolar de Foz de Iguaçu*. <https://qedu.org.br/municipio/4108304-foz-do-iguacu/censo-escolar>
- Google (2025, 29 maio). *Mapa da EMEF Arnaldo Isidoro de Lima*. <https://encurtador.com.br/zJ4AM>
- Google (2025, 29 maio). *Mapa da EMEF Ponte da Amizade*. <https://encurtador.com.br/y435a>
- Google (2025, 29 maio). *Mapa da EMEF Profa. Elenice Milhorança*. <https://encurtador.com.br/aaqMyL>
- Hartmann, L. (2017). Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre *performances* narrativas de crianças imigrantes. *Cadernos CEDES*, 37(101), 45-64.
- Molloy, S. (2018). *Viver entre línguas*. Relicário.
- Resolução CNE/CEB nº 1 de 13 de novembro de 2020. (2020). Dispõe sobre o direito de matrícula de crianças e adolescentes migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio no sistema público de ensino brasileiro. Brasília, DF. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=165271-rceb001-20&category_slug=novembro-2020-pdf&Itemid=30192
- Santos, B. S. (2003). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade*. Civilização Brasileira.
- Souza, D. F., Pimenta, R. W. S., & Orlandi, R. (2024). Educação para as relações étnico-raciais na educação infantil: implicações no fazer pedagógico. *Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa*, 6(3), 276-287. <https://doi.org/10.36732/riep.v6i3.536>.
- Tallei, J. I., & Amato, L. J. D. (2020). La formación permanente de docentes en escuelas de frontera sob el paradigma sentipensante. *EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação*, 7(17), 1284-1297.
<https://doi.org/10.26568/2359-2087.2020.4820>